

## Entre procedimentos e roteiros didáticos de tradução – condições de invenção

Karen Elisabete Rosa Nodari\* e Sandra Mara Corazza

Colégio de Aplicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Av. Bento Gonçalves, 8850, 91540-000, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. \*Autor para correspondência: E-mail: kernodari@gmail.com

**RESUMO.** Este artigo é sobre as condições de invenção de uma didática tradutória, por meio da escrita fabulatória. Para tanto, analisa respostas emitidas por 26 professores ao instrumento de pesquisa Roteiro didático de tradução de uma aula ou oficina, o qual foi trabalhado nos quatro núcleos do Projeto Escreleituras. Postulando uma didática transcriadora, desde os conceitos de diferença pura e signo (Gilles Deleuze), bem como de invenção (Henri Bergson), triangula as questões do Roteiro para mostrar os fios operadores da didática do Projeto Escreleituras. Conclui que as suas condições de invenção implicam construir e habitar um determinado território teórico e ter uma certa disciplina dos corpos, disposta pelo encontro com os signos da arte. Território e corpos que dão o que pensar, inventar e fabular; fazendo, nessa deambulação, nascer diferentes leituras e escrituras.

**Palavras-chave:** didática; transcrição; escreleituras.

## Among didactic procedures and scripts of translation – invention conditions

**ABSTRACT.** This article is about the conditions for the invention of a translating didacticism, through the fable writing. In order to do so, it analyzes the responses given by 26 teachers to the research instrument Didactic Script for the translation of a class or a workshop, which was worked on in the four nuclei of the Project called Writreading: Postulating a translating didacticism, from the concepts of pure difference and sign (Gilles Deleuze), as well as *invention* (Henri Bergson), it triangulates the questions of the Script to show the operative threads of the didactics of the Writreading Project. It concludes that its invention conditions imply to build and to inhabit a certain theoretical domain and to have a certain discipline of the bodies, which is arranged by the encounter with the signs of art. Domains and bodies that enhance thinking, invention and fable; allowing, in this ambulation, the birth of different readings and writings.

**Keywords:** didactic; transcreation; writreading.

## Entre procedimientos y guiones didácticos de traducción - condiciones de invención

**RESUMEN.** Este artículo es sobre las condiciones de invención de una didáctica traductora, por medio de la escritura fabulosa. Para ello, analiza respuestas emitidas por 26 profesores al instrumento de investigación Itinerario didáctico de traducción de una clase o taller, el cual fue trabajado en los cuatro núcleos del Proyecto Escreleituras. Postulando una didáctica transcriptoria, desde los conceptos de diferencia pura y signo (Gilles Deleuze), así como de invención (Henri Bergson), triangula las cuestiones del Itinerario para mostrar los hilos operadores de la didáctica del Proyecto Escreleituras. Concluye que sus condiciones de invención implican construir y habitar un determinado territorio teórico y tener una cierta disciplina de los cuerpos, dispuesta por el encuentro con los signos del arte. Territorio y cuerpos que dan lo que pensar, inventar y fabricar; haciendo, en esa deambulación, nacer diferentes lecturas y escrituras.

**Palabras-clave:** didáctica; transcreación; escreleituras.

Received on May 17, 2017.  
Accepted on October 9, 2017.

## Introdução

Este artigo trata das condições da invenção presente no Roteiro didático de tradução de uma aula ou oficina – instrumento de pesquisa respondido pelos professores-pesquisadores integrantes dos quatro núcleos do Projeto Escrita Ação de política pública de pesquisa educacional do programa Observatório da Educação (OBEDUC)/CAPES/INEP, que favoreceram o surgimento de uma escrita fabuladora por parte dos seus participantes. Fabulação que não implica em imaginação ou na projeção de um eu, mas uma potência despertada a partir de um encontro com o que dá a pensar, capaz de romper com o pensamento representacional e conduzi-los a habitar outros territórios e tempo, a fim de produzir textos transcriadores. Escritas que exigiam a prática de um deslocamento com relação a autoria entre leitor e escritor para se transformarem em exercício de pensamento. Essa atividade postulava uma nova forma de pensar, a fim de que surgisse um novo conteúdo bem como, uma nova forma de expressão – a desafiar as ideias prontas, os clichês e os modelos tão ao gosto das didáticas emboloradas que repetem o mesmo e nada criam. O fato do pensamento representacional que se caracteriza pelo exercício recognitivo das faculdades ainda ser dominante no território educacional é o grande responsável pela pouca relevância que nele é dada a invenção.

No entanto, não é possível passar à análise daqueles instrumentos, bem como aos resultados obtidos e suas conclusões, sem antes introduzir o leitor no território do Escrita Ação: sua filiação teórica, seus objetivos, suas práticas, sua abrangência e ramificações. O Projeto Escrita Ação visou a articulação entre a pós-graduação, as licenciaturas e as escolas de educação básica; além de estimular a formação de recursos pós-graduados, em nível de mestrado e doutorado com vistas a elevação do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) nas escolas participantes do projeto. Por meio de experimentações com a pesquisa, o currículo e a didática, a formação de professores e o exercício da docência, articulou a criação de propostas diferenciadas de estudos e práticas de escrita – que visavam a qualificação de professores e alunos da rede pública de educação básica bem como, a dos currículos de formação pedagógica dos cursos de licenciaturas, em universidades e centros federais de educação. A formulação questão inicial deste artigo é inseparável do recorte necessário e interessado tendo por base as ressonâncias dos resultados daquela pesquisa, como também da pesquisa de pós-doutoramento: Procedimentos didático-tradutórios sob o signo da invenção, além de alimentar e se vincular à pesquisa de produtividade do CNPq (2015-2019), Método didático-tradutório da transcrição curricular: ensaios, invenções, maquinações, do Programa de Pós Graduação em Educação da UFRGS.

Essa pesquisa, desenvolvida entre os anos de 2011 a 2014, operou por cursos, auto-oficinas e oficinas de produção textual que foram chamadas de oficinas de escrita seguindo indicação de (Corazza, 2007), pois consistiam em textos que colocavam o leitor numa posição multivalente, requerendo uma co-autoria entre quem lê e quem escreve, ao mesmo tempo. Portanto, a escrita era entendida como um processo de escrita, no qual escrita e leitura se intercambiavam e potencializavam, texto aberto às interpretações do leitor, ou seja, ‘escrivível’ ou traduzível de múltiplas formas. De modo que, ao longo do desenvolvimento do Escrita Ação as oficinas cujas matérias provinham da arte, da ciência e da filosofia passaram a ser chamadas de oficinas de transcrição, uma vez que o docente, ao tomar contato com as obras já criadas advindas daqueles três campos, não os aplica diretamente na cena educacional. Caso isto ocorresse sem nenhuma criação de sua parte, ele seria um simples repetidor de conteúdo. A Didática, que passa a ser entendida sob a ótica criacionista, é resultado dos atos de criação pedagógica, assim como é o lócus onde a própria pedagogia funciona, ao se atualizar no currículo: “[...] a didática, o que se cria em Pedagogia é um modo, um processo de atualização de uma ideia de natureza pedagógica que se expressa em currículos” (Oliveira, 2014, p. 34). Portanto, as traduções das matérias originais, advindas da Arte, da Ciência e da Filosofia (Deleuze & Guattari, 1992) se expressam no currículo, mais exatamente, na cena dramática da aula, num processo de criação e recriação sem fim. Por causa disso, é sob a ótica criacionista que o docente tem o poder de experimentar e criar novidades didáticas a partir da tradição.

Ao se opor ao realismo e ao idealismo, mas sensível a imagens de pensamento e a questões culturais, a Didática circula num misto de empirismo transcendental: parte de uma matéria para alcançar o campo da virtualidade (Deleuze, 1988), que privilegia a multiplicidade. Ela opera no sentido de resistir às repetições do mesmo e no combate a doxa, misturando o que passou, o que afecta – de modo spinozista -, e o que está por vir. O seu método de criação se caracteriza por perseguir as pistas, os traços, em seguir os movimentos da vida, orientando-se cartograficamente (Deleuze & Guattari, 1997; Corazza, 2010; Kastrop, Passos, & Escóssia, 2014).

Pesquisa filiada ao campo conceitual operatório Deleuzeano postula em termos educacionais uma didática e um currículo tradutórios, seguindo as indicações de (Corazza, 2013), tendo como base os conceitos de diferença pura e de signo, tal como formulado por (Deleuze, 1988) e o de invenção postulado por (Bergson, 2006). A diferença aqui citada refere-se a um sentido outro. Não está ligada aos estudos culturais, mas à Filosofia da Diferença, à noção de multiplicidade: um constante movimento, de maneira que se é múltiplo em si mesmo. Atrelada a uma reversão do platonismo – em que a ideia do Uno é recusada, o mundo é pensado como multiplicidade. Quanto ao signo, não se trata de uma questão lingüística, circunscrita a correspondência significativa e significado, mas aquilo que exerce sobre a subjetividade uma ação direta, sem mediação da representação. E, por último, quanto à invenção segue-se a filosofia de Bergson no seu duplo sentido – o da imprevisibilidade dos resultados e o da formulação de problemas e não o da sua resolução. Além de remetê-la a um processo que se dá o tempo. Porém, como isto se desenrola na cena educacional?

## A gênese dos procedimentos didáticos de tradução

Ao longo dos últimos quatro anos atuando como pesquisadora da Educação Básica do Projeto Escriteiras, do Programa Observatório da Educação/MEC/CAPES/INEP, tive a oportunidade de desenvolver oficinas que visavam a criação de biografemas (Nodari, Fogazzi, & Conceição, 2013). O estudo sistemático decorrente da sua operacionalização propiciou o surgimento da pesquisa Procedimentos biografemáticos em Educação Básica, (Nodari & Fogazzi, 2014). Perseguiu-se este criacionismo didático, cuja matéria principal era a própria vida de modo que, ao partir do território das formas, dos clichês, das identidades fixas alcançar o das forças, o do não-representativo e do múltiplo. A operação do conceito de biografemática, ou escrita de vida, seguiu os escritos do semiólogo francês Roland Barthes e as suas implicações filosófico-literárias enquanto método de pesquisa e política de escritura.

Sendo que tal pesquisa se inscreveu num dos eixos do Projeto Escriteiras denominado biografema, conceito que significa (escrever os detalhes de uma vida), as raridades que passam despercebidas ou que ainda não foram significadas e partilhadas no plano cognitivo. A fim de transformar detalhes insignificantes (sem significação anterior) em signos de escrita. Utilizar estes signos (aqueles que podem encantar) como disparadores de um texto, ou seja, da escrita de uma vida em experimentação e que, portanto, é produzida na potência da invenção de sentidos.

Perseguiu-se, portanto, a invenção de conectores entre ficção e realidade, entre imaginário e história biográfica. Esperava-se que tais dispositivos propiciassem aos seus participantes o ingresso no campo do vivido, das sensações e das invenções; o que implicava, também, a necessária passagem entre o tempo dos estoicos: cronos para aion. Ou seja, romper com a circularidade do tempo para mergulhar naquele que possibilita algo de diferir de si mesmo, isto é, o tempo da duração.

A leitura do material produzido nas oficinas se deu sob a óptica Barthesiana, uma vez que as produções passaram a ser vistas como uma tecitura, ou seja, o texto como um tecido onde o sujeito pode se desfazer, além de se perseguir a escrita intensiva, como meio de passagem, produtora de múltiplos sentidos. E, com relação ao tempo do ato de criação, sob a perspectiva bergsoniana.

Trata-se de estudar a processualidade proposta através do trabalho inventivo com a escrita. A invenção é o produto de uma tensão constante entre duas tendências: a da criação e a da repetição, de modo que ela não é rara ou fruto do acaso, mas exige esforço para que seja ultrapassada a tendência repetitiva, uma vez que, seguindo (Bergson, 2006), é por meio de experimentações com uma matéria que se cria o novo. Ato que não produz efeitos instantâneos, uma vez que a invenção é um processo de transformação temporal que envolve o tempo da duração. Sendo que é nesta dimensão que ocorre a produção da diferença. O que dificulta o trabalho da invenção, atuando como um obstáculo, são os antigos hábitos, os esquemas da reconhecimento.

Neste sentido, a pesquisa Procedimentos Didático-tradutórios sob o signo da invenção trata de descrever as zonas de indiscernibilidade e indeterminação produzidas pelas oficinas realizadas no Escriteiras, pois é sabido que, apesar da imprevisibilidade dos resultados obtidos pelo desenvolvimento das oficinas, a questão da criação não ocorre de forma espontânea, ela implica em tateamentos, em experimentação com uma matéria, além de um constrangimento pelo território que se habita e pela atenção que se dá aos signos da matéria trabalhada – o que remete a uma desatenção ao caráter utilitário da vida prática. Trata-se de uma atenção aberta ao encontro, à experiência e ao imprevisível. Uma vez que é o signo que tem a força de uma

interrogação, é ele que força o pensamento a pensar, o que cria um território de observação – um campo perceptivo. Sendo que, cada território tem o seu sistema de signos, e quando se trata da invenção não é diferente.

Portanto, cabe perguntar: como funcionava a comunicação entre eles? De que modo as oficinas trabalharam com os signos, para além do valor de uso da matéria em questão? Quais os sistemas de signos que são dominantes quando se habita um território inventivo? De modo que os seus participantes conseguiram romper com os esquemas práticos da representação?

Busca-se de investigar, em que grau, através dos processos tradutórios, o Projeto Escrileituras desenvolveu novas vivências relacionais de estudantes e professores com os elementos originais da ciência, da filosofia e da arte, insuflando-lhes que tipo de interesse e de vitalidade. E como, ao traduzi-los, em cenários e tempo contemporâneos, dava vida a ideias criadas, liberava as forças livres dos participantes e desestratificava camadas sedimentadas de saber, poder e subjetividade, trabalhando para que reencontrassem a virtualidade. Uma vez que, ainda seguindo (Bergson, 2006), o que torna difícil o trabalho inventivo são os esquemas da reconhecimento. A experiência da reconhecimento envolve uma síntese convergente entre as faculdades, o que torna o presente, o passado e o novo, velho.

## **A gênese dos Roteiros didáticos de tradução de uma aula ou oficina**

A necessidade tornar explícita no campo didático a teoria tradutória que orientou o funcionamento das diferentes oficinas realizadas pelos quatro núcleos do Projeto Escrileituras motivou a realização de um exercício por parte dos seus integrantes, elaborado pela profa. Sandra Corazza. Não se tratava de reconstituir as teorias que utilizaram ou que os mobilizaram, mas o que na práxis das diferentes oficinas desenvolvidas era o seu norte. E, com base nesta teoria, procurar reconstituir, em cada etapa, a sua experiência de professo-tradutor, o seu trabalho na cena da aula, seus pontos claros e obscuros, de modo que foi solicitado a cada professor uma elaboração dos procedimentos tradutórios em didática que embasaram a sua prática.

Partiu-se do pressuposto de que o que permitiu a cada pesquisador responder as suas questões foi, inicialmente, o resultado do plano elaborado, ao colocar a didática a funcionar, como um professor que se apropriou da teorização do projeto. Ou seja, o instrumento tinha por objetivo descobrir o que cada professor fez para tornar suas as diversas modalidades de transmissão daquela teoria. No entanto, o exercício exigia que o pesquisador continuasse teorizando mais vezes, de modo que as escrituras solicitadas consistissem numa zona híbrida: nem prática ou teórica. Instrumento que era composto de cinco perguntas, quais sejam: I) Indique o pensamento de partida que foi traduzido, ou seja, ideia, texto, língua, etc., II) Descreva a Imagem Dogmática do Pensamento (IDP) de onde você partiu, isto é, imagem ortodoxa, de julgamento, moral, do tipo: ‘todo o mundo sabe’ ou ‘ninguém pode negar’, III) Descreva o método de invenção usado ou criado por você que colocou um problema, ou campo problemático, IV) Descreva a reversão da Imagem Dogmática do Pensamento (IDP) de partida, ou seja, a subtração de um (ou mais de um) dos termos do pensamento/problema/texto/ideia, etc. que sustenta(m) os problemas desenvolvidos pelos sistemas que a tradução realizada transformou e V) Plano de Imanência ou nova Imagem Dogmática do Pensamento ou Nova (IDP), ou seja, a criação de um método de invenção de novos problemas, ideias, textos, etc.

O retorno dos instrumentos dos quatro núcleos foi via e-mail, sendo o seu número total vinte e seis (26) instrumentos respondidos. Sendo que, como vários pesquisadores os responderam em grupos de tamanhos variados, cada núcleo enviou o seguinte número de arquivos: a) Universidade Federal do Rio Grande do Sul: 04; b) Universidade Federal de Pelotas: 05; c) Universidade Federal do Mato Grosso: 07; d) Universidade Estadual do Oeste do Paraná: 09.

## **Entre os Roteiros Didáticos de tradução de uma aula ou oficina**

As respostas dos quatro núcleos: UFRGS, UFPel, UNIOESTE e UFMT integrantes do Projeto X, obtidas com base no Roteiro didático de tradução de uma aula ou oficina podem ser analisados numa triangulação entre algumas de suas questões.

Não se trata de querer reproduzir uma sagrada trindade, ao modo da análise psicanalista – formada pelo pai, mãe e filho, tão combatida por Deleuze e Guattari no Anti-Édipo – mas, de operar com os dados coletados, a partir do traçado de um triângulo profano, oriundo de experiências realizadas nesta terra, cujas

propostas tinham em comum criar uma nova terra, manifestada pela vitalidade dos textos, de modo que as condições da invenção que implicaram a realização dos movimentos de preparação, experimentação e de transcrição descritas pelos roteiros serão explicitadas, uma vez que, como afirma (Valéry, 1998) é muito diferente ver uma coisa sem o lápis na mão e com o lápis na mão, ou seja, desenhando. No entanto, o fato de se desenhar um triângulo não significa fixá-lo. Ocorre que mão e visão passam a se intercambiar e se alimentar. É que, “[...] talvez só concebamos bem o que tivermos inventado” (Valéry, 1998, p. 203-205).

Então, com base nas seguintes questões do instrumento original: IV) Descreva a reversão da Imagem Dogmática do Pensamento (IDP); V) Plano de Imanência ou Nova Imagem Dogmática do Pensamento ou Nova IDP; e III) Método da invenção, constrói-se um triângulo. Sendo que, a partir do encontro entre os seus três vértices, é possível seguir as linhas de invenção propostas pelas oficinas desenvolvidas pelos quatro núcleos. Há um tecido da experiência formado por relações inter cruzadas, sobrepostas, de acontecimentos que se imbricaram, a partir dos dispositivos acionados pelas diferentes propostas das oficinas. Matéria têxtil formada por linhas contínuas, mas que não deixam de ser compostas por pedaços ligados entre si de maneiras diversas. No entanto, esta operação não consiste em localizar primeiro uma de suas pontas para depois ir a outra. Não. Há que se romper com o ordenamento cartesianismo e tomar o triângulo pelo meio. Uma vez que o sentido do percurso do tecido compósito formado pelas linhas de invenção não é fixado de acordo com um princípio de hierarquia ou de sucessão, mas pela sua transformação movente. Pois é sabido que pensar e fabular são forças que liberadas do pensamento representacional, do senso comum e da doxa, podem questionar e experimentar seus próprios limites e traçar intempestivas linhas de fuga, que ligam o que está dentro com o que está fora do triângulo. Ou seja, o já pensado com o impensado, o velho com o novo, a partir do campo problemático proposto pelo método de invenção desenvolvido por cada oficinairo.

Portanto, só resta a esta pesquisadora instaurar-se no meio deste tecido triangular de encontros, a fim de desvendar o drama que acompanha todo o logos, como afirmou (Deleuze, 2006). Distinguir as linhas duras, sedentarizantes e as linhas de fuga. Não se perseguirá os procedimentos que estabilizaram o pensamento dos participantes das oficinas, mas os que o desestabilizaram, de modo a romper com os esquemas da representação. Identificar nos diferentes protocolos de invenção propostos as operações capazes de lidarem com os signos das linhas de fuga e suas duas vertentes: a desejante e a da matéria intensiva, de modo que, a partir de um encontro desestabilizador e intensivo, o pensamento fosse capaz de fabular. Fabulação que não implica na projeção de um eu, mas como diria (Scherer, 2000) em atingir uma espécie de visão que conduz a devires nascentes.

Neste sentido, o Núcleo UNIOESTE, formou o seu triângulo com os seguintes elementos: 1º vértice, a Reversão da IDP, que ocorreu, basicamente, através do trabalho com os signos da arte; 2º vértice, Plano de Imanência ou Nova IDP, que foi traçado pela decifração de enigmas, proposição de um problema e encontro com os signos da arte; e 3º vértice, o Método da invenção, que apostou no encontro com os signos e na técnica de *brainstorming*.

Quanto ao 1º vértice do triângulo, o que corresponde ao item IV do Roteiro, a Reversão da IDP ela ocorreu, de acordo com a leitura dos nove instrumentos respondidos pela exposição aos signos da arte que provocaram um desencontro das faculdades de modo a romper com os esquemas da reconhecimento e os colocarem num aprendizado temporal. Não se trata do tempo sucessivo que passa, mas do tempo original, idêntico à eternidade. Os signos da arte têm a capacidade de reagir sob os outros tipos de signos, como os sensíveis expressos numa matéria, abarcando-os. Esse fato se deu de várias formas: pela leitura dramática, pela exposição ao ouvir, ver, tocar. Ou seja, afectos e perceptos dos participantes foram acionados.

Com relação ao 2º vértice do triângulo, o que se equipara ao V item do Roteiro, Plano de imanência ou Nova IDP, de acordo com a leitura dos instrumentos, pelo menos 4 deles mencionam que através da ruptura com o esquema ação-reação-ação, do esquema sensorio-motor foi possível a criação, de modo que o pensamento fez contato direto com as força/material ao invés de ficar preso na relação forma/matéria. Portanto, como diz Deleuze, em Proust e os signos, é através da exposição aos signos, ‘perdendo tempo’ que foi possível fazer o pensar no pensamento. Além disso, em duas oficinas houve um agenciamento entre os signos da arte e a colocação de um problema, não aquele que pressupõe resposta certa ou errada, que desapareceria com a sua solução, mas o que propõe a descoberta do seu sentido. De modo a reforçar o rompimento com os esquemas da reconhecimento dos participantes das oficinas.

O 3º e último vértice do triângulo que corresponde a III questão do Roteiro, Método da invenção apesar da quase totalidade dos instrumentos terem afirmado que não há método a ser descoberto para se chegar a verdade, seis oficinas proporcionaram, como método encontros com os signos, a fim de despertarem as faculdades e as verdades sobre o mundo - verdade que não depende de fatos, mas da capacidade de decifrar e interpretar, como afirma (Deleuze, 2006, p. 15): “A verdade não é descoberta por afinidade, nem com boa vontade, ela se trai por signos involuntários [...]” -, de modo que as oficinas apostaram no resultado de uma violência que se exerce sobre o pensamento, uma vez que só se busca a verdade por coação, tendo por base um encontro com certo signo, o que impele a busca pelo seu sentido.

Ou seja, as oficinas apostaram na força, na violência do trabalho com os signos capazes de fazer surgir o pensar uma vez que, isto não se trata de uma possibilidade natural. Os signos foram trabalhados através de obras literárias, leituras dramáticas, poemas, *brain storming*, jogos que envolveram uma sensibilização do sentir, ou melhor, dos sentidos dos participantes. Portanto, no núcleo UNIOESTE destaca-se uma ênfase no trabalho inventivo proposto pelas diferentes oficinas com os signos da arte. Segundo Deleuze esta superioridade se justifica pela sua imaterialidade de modo a acionarem, diretamente, o inconsciente dos participantes. O poder dos signos da arte também se justifica pela unidade entre o signo e o sentido. Tendo em vista que os signos materiais ainda se encontram parcialmente encobertos nos objetos que os carregam, o seu sentido ainda é material, de modo que os participantes das oficinas poderiam sucumbir no equívoco de confundirem o objeto trabalhado com o seu significado, sendo que a faculdade acionada para sua interpretação era a memória involuntária ou a imaginação.

O Núcleo UFPel formou o seu triângulo utilizando os seguintes elementos: o 1º vértice, a Reversão da IDP, relacionada a questão IV do Roteiro houve um agenciamento entre os signos da arte com a colocação do corpo em movimento, através de saídas de campo e brincadeiras infantis. O 2º vértice, ligado a questão V do Roteiro Plano de Imanência ou nova IDP foi formado por necessidades: outros modos de ser professor e uma escrita que não seja cópia, acontecimentos que possibilitaram o rompimento com a temporalidade cronológica e por meio de dispositivos filosóficos e artísticos. E, quanto ao 3º vértice, o Método da invenção, que corresponde a III questão do Roteiro, por um agenciamento entre os conceitos filosóficos, o signos da arte e o corpo em movimento.

Com relação ao 1º vértice do triângulo, a questão IV do roteiro: Reversão da IDP, a grande maioria dos grupos (quatro dentre os cinco) apostou numa combinação entre os dispositivos da arte, os conceitos filosóficos, além de colocar o corpo em movimento, a fim de ‘desterritorializar’ os participantes das oficinas, tirando-os do pensamento representacional, de modo a possibilitar o seu ingresso no campo virtual, o inventivo. Ou seja, a quase totalidade dos grupos propôs um agenciamento de elementos heterogêneos, a fim de corromper o estabelecido. Uma forma de minar a identidade dos participantes, de modo que eles passem a pensar com E e não com É e ao estabelecerem relações com o Fora, sua escrita entre em modo de variação. Afinal, tudo o que muda passa pelo agenciamento. Cabe observar que apenas um grupo não incluiu um trabalho com o corpo nos procedimentos.

O 2º vértice do triângulo, a V questão do roteiro: Plano de Imanência ou Nova IDP, dois grupos partiram de uma necessidade: outros modos de ser professor e a possibilidade uma escrita em aula que não seja cópia. Um grupo teve por base uma questão: Estão os professores adoentados? Enquanto os outros dois partiram de um devir: num caso o devir-criança e no outro um devir-vital. No entanto, é importante observar que todos os grupos apostaram na criação de uma zona do entre, do meio, rizomática, onde tudo acontece, zona tópica, nem interior, nem exterior, nem subjetiva, nem objetiva, lugar de criação.

Quanto ao 3º e último vértice do triângulo, a questão III do Roteiro, ou seja, quanto ao Método da invenção, percebe-se maior convergência nas respostas. Foi comum a quatro das cinco oficinas a proposição de um agenciamento entre os conceitos filosóficos, o corpo em movimento e os signos da arte, tais como: a leitura de poemas, audição de música, fragmentos de vídeo e filme. Ou seja, a maioria das oficinas buscou ao colocar o corpo em movimento por meio de brincadeiras infantis, da dança, ou mesmo de uma saída de campo, desterritorializá-lo, quebrar com os seus esquemas de ação e reação e colocá-lo em relação com outras forças, a fim de colocar os participantes em atitudes e posturas que favorecessem um teatro do pensamento. Pois, é preciso experimentar com um corpo para saber o que ele pode ao mesmo tempo em que, o encontro com a imaterialidade dos signos da arte proporcionou o seu ingresso no pensamento puro e no tempo intensivo, aquele que ao romper com o cógito cartesiano é simultâneo à força do novo. E, por último, apenas um grupo fomentou discussões ao longo da sua oficina.

A trama inventiva do núcleo UFPel formou-se com as linhas dos conceitos filosóficos, com a colocação do corpo em movimento dos participantes das oficinas e com o encontro com os signos da arte. Uma junção de elementos heterogêneos com o desafio de pô-los a funcionar. Uma vez que é sabido as coisas, o pensamento, só rompem com o estabelecido e ganham vida no meio. No entanto, não se pode esquecer que a origem das ideias não se encontra no sensível, nas matérias, nem nas operações do espírito sobre o sensível, mas no fio condutor formado pelas relações estabelecidas entre os diferentes elementos que compõem o agenciamento. Portanto, o problema deixa de ser o que causou aquela trama, mas o das condições do seu funcionamento. Neste sentido, o núcleo UFPel operou com o movimento de desterritorialização dos corpos, uma forma de inibir a ação dos seus tradicionais esquemas de ação e reação, a fim de que o pensamento dos participantes ao não reconhecerem mais o território em que habitavam, entrassem em relação com o Fora. Uma forma de potencializar o conjunto de afectos que circulou e se transformou naquele território. Produção desejante.

O núcleo da UFMT teve o seu triângulo constituído pelos seguintes componentes: o 1º vértice que corresponde a questão IV do Roteiro, Reversão da IDP, se deu através da colocação de situações problemáticas ligadas ao corpo: relação saúde e doença, corpo e alimento, como também num agenciamento com signos da arte; O 2º vértice do triângulo, Plano de Imanência ou a Nova IDP, que corresponde a questão V do Roteiro, foi ocupado por diferentes situações que procuravam romper com a imagem dogmática de pensamento e suas diferentes manifestações, seja através da imagem do próprio corpo socialmente imposta e seus modelos de medicalização e sensações que o impedem de fugir do ordinário e criar; e sendo que o 3º vértice que se liga a questão III do Roteiro, Método da invenção, foi acionado pela experimentação de um Corpo sem Órgãos (CsO), a fim de esfacelar sua ordenação, inventar novas formas de lidar com ele, aquilo que resta quando se retira qualquer significância e subjetivação, através do trabalho com os signos da arte e com o seu agenciamento a uma situação problemática.

Tendo em vista o 1º vértice do triângulo, ou seja, a questão IV do Roteiro, Reversão da IDP, quatro instrumentos apostaram em situações problemáticas, aos quais não estavam relacionadas com o acerto ou com o erro, mas que ao romper com os esquemas da reconhecimento, ao promover o desencontro das faculdades dos participantes, buscou a criação de novos sentidos e verdades para questões ligadas ao corpo. Seja através de uma experiência caótica, ou do agenciamento com o delírio expresso num poema. Pode-se afirmar que outras duas oficinas tiveram em comum o fato de colocarem o corpo em movimento e de estimularem o uso dos órgãos dos sentidos, a fim de forçá-los a pensar, uma tentativa de tirar da penumbra o que sentiram, interpretar as sensações vividas e convertê-las em seu equivalente espiritual.

Com relação ao 2º vértice do triângulo, que se relaciona com a questão V do Roteiro, Plano de Imanência ou a Nova IDP, ela foi criada de acordo com a leitura dos seis instrumentos pela ruptura do modelo da reconhecimento do pensamento. Seja através do fim com a padronização socialmente imposta de corpo, das suas modelizações medicadoras, de questões que evidenciam o não entendimento de um texto, do delirar verbos e da afirmação da loucura como potência de criação.

O 3º vértice do triângulo, que possui relação com a questão III do Roteiro, Método da invenção, para dois grupos ocorreu através da criação de um CsO, por meio de movimentos com o corpo que fogem ao comum e forçam o seu próprio limite, como também, de inventar novas formas de lidar com ele, a partir da alimentação, de modo a abrir o corpo a conexões que superpõe o agenciamento formado de modo a oscilar entre aquilo que o estratifica e aquilo que o libera. Corpo desejante. Em outros três grupos foi utilizado o encontro com os signos da arte, tais como: carta com descrição estética, leitura de poema de Manoel de Barros e experimentações sonoras e visuais por meio da música. A fim de, por afecção, pela violência do signo que força os participantes a buscarem o seu sentido, 'desterritorializar' o pensamento, romper com os esquemas da representação, de forma a colocá-los em relação direta com o tempo da criação. Novamente, pode-se afirmar com Deleuze a superioridade destes signos por serem desmaterializados e atuarem a nível do inconsciente. De modo a forçar a procura pelo seu sentido e, assim penetrarem no tempo primordial absoluto. Houve um grupo que trabalhou com os signos materiais dos alimentos, que acionam ora a memória involuntária, ora a imaginação dos participantes das oficinas, sendo que os outros dois grupos trabalharam com textos, ou seja, os signos da escrita. Sendo que num deles, houve um agenciamento entre os signos da escrita e uma situação problemática. A fim de retirar o pensar do seu inatismo, ao lhe aplicar forças que não são da reconhecimento. Problema que de modo algum concernia a respostas verdadeiras ou falsas, a uma solução lógica, ou mesmo a questão do descobrimento de uma verdade, mas a criação de sentido.

O tecido compósito do núcleo UFMT foi tramado por um conjunto de práticas relacionadas com o corpo. Operações variadas que incluíram movimentos incomuns que o levaram ao seu próprio limite, experiências com diferentes alimentos, a fim de desorganizá-lo, desmontá-lo, de modo que fosse ocupado somente por matéria intensiva e não estratificada, por onde circulam intensidades e desejos, de modo que dele foi subtraída toda a subjetividade, a fim de transformá-lo num corpo. Artigo indefinido condutor das linhas desejantes a habitar uma nova terra e a produzir novas escritas. Outras formas de travar um encontro com o corpo e pelo corpo/pensamento foi a utilização dos signos da arte. Signos que transbordam o pensar: forças que o impelem o compelem que exigem o uso discordante das faculdades.

E, por último, o núcleo UFRGS constituiu o seu triângulo com os seguintes elementos: o 1º vértice do triângulo associado a questão IV do Roteiro, Reversão da IDP, foi preenchido pelo agenciamento entre conceitos filosóficos e a corporificação de um problema, pela reversão dogma cartesiano: 'penso logo existo' através da formulação de problemas, pelo agenciamento entre a proposição de um problema e a potência do encontro, por afecção entre dois tipos de textos; O 2º vértice do triângulo, que corresponde a questão V do Roteiro, Plano de Imanência ou Nova IDP, foi formada através da valoração do movimento do corpo, do corte ao pensamento cartesiano, pela exploração do território do entre e pelo estilhaçar da representação dos sentidos; e o 3º vértice do triângulo, ligado a questão III do Roteiro, Método da invenção, foi ocupado pela colocação de problemas que poderiam ou não estar agenciados com os signos da arte.

Tendo em vista o 1º vértice do triângulo, a questão IV do Roteiro, Reversão da IDP, em três das quatro oficinas realizadas pelo núcleo ocorreu por meio da colocação de um problema. No caso, em dois grupos através da construção de um agenciamento quer seja pela corporização de palavras, o que produziu fluxos de forças imanentes no espaço-tempo-corpo escolar a dançar devires múltiplos. Ou, a partir do encontro, por afecção, entre os fatos que integram uma vida e o detalhe, o insignificante de uma foto, juntamente com a proposição de um enigma, a fim de desviar o pensamento da normatização, do padrão, do regramento textual, apostando na produção de intensidades. Como, também, com relação ao cógito cartesiano: o corpo depende ou independe do pensar? O corpo é uma coisa que pensa? De modo que o espírito busca inventar um possível e permissivo operar de uma consciência de si com relação aos movimentos do intelecto que seja ampla, ou seja, com a procura do uso mais pleno de suas faculdades intelectivas, dando nova vida e violando o já sabido. Um problema que não concerne, de modo algum, ao verdadeiro e ao falso, a sua solução, mas a criação de sentido. Gênese da verdade no pensamento. E, por último houve um instrumento que não respondeu a questão.

O 2º vértice do triângulo, a questão V do Roteiro, Plano de Imanência ou Nova IDP, se deu de várias formas, de acordo com as propostas. Em um dos instrumentos, através dos movimentos do corpo que já não eram mais cotidianos, o corpo se dilatou. Em uma outra oficina, se deu através do corte ao pensamento cartesiano o que possibilitou a abertura para novos campos da imanência. Já, com relação à outra oficina, por meio da ruptura com as identidades fixas, ou seja, pela criação de textos híbridos entre fatos e ficção, de acordo com o quarto instrumento, pelo estilhaçar das representações dos sentidos, pela contestação das representações lidas e a afirmação de novas. Ou seja, pela 'pesca' de palavras interditas e ou escondidas que vão surgindo.

O 3º vértice do triângulo, a questão III do Roteiro, Método da invenção, houve uma preponderância na colocação de uma situação problemática agenciada aos signos da arte, a fim de estimular a invenção. Seja através da relação entre o movimento do corpo, dança, e a sensação das palavras: mar, terra, ar, leve e pesado; seja através da junção entre a perda de uma metade de si e o *punctum*, o insignificante de uma foto, ou da leitura de poemas, ou a escrita de uma paródia. Sendo que, um grupo não respondeu a esta questão. Os signos da arte são superiores aos demais pela sua imaterialidade, de modo que o seu sentido se afirma em toda a sua potência, o que coloca os participantes das oficinas numa relação direta com o tempo do pensamento, tempo primordial que reúne o signo e o seu sentido. Uma vez que o ato de pensar é inseparável da tradução de um signo. Tradução, interpretação, explicação são a forma da produção dos textos inventivos.

Os fios da trama inventiva do núcleo UFRGS foram tecidos por vários de seus grupos pela colocação de um problema, a fim de desencadear a gênese da verdade e a produção da verdade pelo pensamento dos integrantes das oficinas. Ou seja, as categorias do verdadeiro e do falso eram validadas pelo próprio problema colocado. E isto acontece quando os oficinairos deixaram de elaborá-lo com base nas proposições possíveis e na sua resolubilidade. Em Diferença e Repetição, Deleuze afirma que os problemas estão em



relação com os signos. Lembrando que, posteriormente, em Proust e os signos, a criação, para o filósofo, é entendida como a gênese do ato de pensar depende de um encontro violento travado com os signos. Portanto, percebe-se que a grande maioria das oficinas, ao propor um agenciamento entre os signos da arte e a colocação de um problema potencializou o acionamento do pensamento puro dos participantes, uma vez que não se cria o novo tendo por base uma boa vontade ou por uma afinidade natural para pensar, mas pela coação realizada pelo encontro dos signos involuntários.

Após esta análise da totalidade dos Roteiros didáticos de tradução de uma aula ou oficina dos quatro núcleos, o que dizer sobre as condições da invenção, do campo intensivo criado pelas oficinas de transcrição, dados colhidos com base na triangulação entre as respostas das questões: IV) Reversão da IDP; a V) Plano de Imanência ou Nova IDP; e a III) Método da Invenção. Todos os núcleos fizeram tentativas de romper com o pensamento representacional e com os seus esquemas de reconhecimento, uma forma de anular nos participantes das oficinas as suas repostas sensorio-motoras frente às diferentes situações, a fim de colocá-los em relação com o que dá a pensar e a possibilitar a escrita inventiva. Ou seja, partiu-se da necessidade de acabar com a IDP de modo que a gênese do ato de pensar fosse instaurada. Importante destacar que as mais diversas tentativas, neste sentido, todos os núcleos fizeram uso do encontro com os signos da arte, aqueles que dão a pensar e que são considerados superiores aos demais tipos por serem mais espiritualizados e desmaterializados e assim, acionarem, diretamente, o pensamento puro. Violência de encontro a impelir os integrantes das oficinas a irem em busca da sua essência: unidade do signo com o seu sentido. Essência que é sempre diferença. De modo que os seus participantes tomassem contato com o tempo em seu estado puro, ou complicado, tempo inventivo.

Houve um privilégio por parte das mais diversas propostas das oficinas em trabalhar com os signos da arte, a fim de que emergisse uma escrita fabuladora. Tendo em vista que o ato da escrita é inseparável de trazer à tona os elementos heterogêneos que a formam, de modo que os participantes fizessem contato com o seu Fora, aquilo que não está nela, mas sem o qual não poderiam criar. Travar um encontro com a essência do signo – a sua importância, Deleuze retira de Spinoza-, não somente como causa do sentido, mas como causador de efeito. Um efeito supõe corpos que se afetam uns aos outros. De modo que os signos entendido a sua pluralidade, são afetos de passagem, de mudanças de estado registrados por diferenças, variações e devires. Sendo que é do acaso do encontro entre os corpos que emerge o signo, com a potência e alegria para a produção de uma escrita fabuladora.

Essa escolha foi dominante no núcleo UNIOESTE. Quanto ao núcleo UFPel houve uma aposta num agenciamento entre os conceitos filosóficos, a colocação do corpo em movimento e os signos da arte. Já o núcleo UFMT, propôs a criação de um (CsO), o que implicou também, a sua utilização. E, por último, o núcleo UFRGS propôs uma situação problema que envolveu o trabalho com os signos da arte. Interessante observar que, segundo Deleuze, os signos dão o problema e desenvolvem um campo problemático, de modo que a tirar as faculdades do seu torpor. Muito embora a decifração dos signos, por si mesma, já coloque um problema, a maioria dos núcleos encontrou diversas formas de dramatizar o seu uso, de criar um campo intensivo: seja através de um agenciamento composto por elementos heterogêneos, incluindo aí os movimentos do corpo, seja pela colocação de um problema específico.

No entanto, a operação de seguir as linhas que rompem com o pensamento representacional, que proporcionam aos participantes das oficinas contato com o que está fora do triângulo é inseparável de suportar um vazio, uma ruptura no seu trajeto, que à primeira vista poderia ser entendida como uma falha na preparação, experimentação e transcrição dos diferentes procedimentos, mas de fato é outra coisa. É que seguindo (James, 2000), as linhas da invenção têm uma característica deambulante. Portanto, há intermediários nos seus pontilhados. Inventar é percorrer relações que compõem e atravessam uma experiência. Isto não quer dizer que se trata de percorrer o traçado de uma experiência errante, mas que foi realizada os poucos, seguindo junções sucessivas entre o que estava sendo criando, mas implica na construção de pontes, de modo a ligar as partes do território inventivo. Não se pode esquecer que integra este processo seguir as linhas de uma matéria e nelas detectar funções, a fim de fazê-la funcionar. Ou seja, encontrar formas de romper com a relação matéria/forma para ingressar na material/função. Isto não se dá por um único salto, mas por pedaços, ao modo de uma colcha de retalhos. Sendo que as percepções, os desejos, o pensamento são tratados como pedaços que formam um fluxo de consciência. Portanto, a matéria têxtil formada pelos três vértices dos diferentes triângulos é compósita – formada por pedaços que foram ligados entre si de diversas maneiras.

## Conclusão

O surgimento de uma escrita, potente, fabuladora é da ordem de uma experiência, no sentido empirista do termo. O que significa colocar os seus elementos heterogêneos em relação e fazê-los juntos operar. Um grande desafio. Não se trata de uma experiência qualquer, nem ocorre por boa vontade, muito menos por bom senso por parte dos participantes das oficinas e dos professores-pesquisadores. Mas, através de movimentos operatórios e intencionais, que tinham por objetivo conduzi-los a habitarem uma nova terra, a fim de dar passagem a uma escrita potente e vital.

Por meio da triangulação de determinadas questões do Roteiro didático de tradução de uma aula ou oficina, mais exatamente, as questões: IV) Reversão da IDP; a V) Plano de Imanência ou Nova IDP; e da III) Método de invenção, foi possível visualizar o campo intensivo formado por cada um dos quatro núcleos, o traçado das suas linhas, o seu fio operador, a fim de que a imagem dogmática do pensamento dos participantes fosse rompida, o que possibilitou o seu ingresso num outro tempo, o do pensamento inventivo. Ao desenhá-lo, foi possível visualizar a construção daquele tecido compósito, o que implicou numa experimentação com diferentes matérias, determinadas posturas do corpo, romper com as suas formas, a fim de seguir os seus fluxos.

Neste sentido, houve uma prevalência por parte de todos os núcleos em trabalhar com os signos da arte. Signos que por sua própria força e essência remetiam os participantes a produção da diferença no pensamento, sendo, portanto da ordem do problemático. Em síntese, as condições da invenção passam por construir e habitar um território, o que requer determinada disciplina dos corpos, imposta pelo contato com diferentes matérias, mas também dele sair, seguir a linha que traça contato com o Fora, com o impensado, a fim de nascer uma escrita outra. Mesmo assim, apesar dos signos colocarem o campo problemático, houve a necessidade dos vários núcleos de dramatizá-los. Ou seja, eles foram trabalhados de forma agenciada aos conceitos filosóficos, aos movimentos do corpo, ou a um problema específico. Dependendo do plano de imanência pensado por cada um dos núcleos. Portanto, inventar, fabular, pensar é um processo e não ocorre de uma vez. É perambular, é um ir e vir, por entre matérias, corpos e tempos diversos.

## Referências

- Bergson, H. (2006). *O pensamento e o movente: ensaios e conferências*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Corazza, S. M. (2007). *Os cantos de Fouror: esrileituras em filosofia e educação*. Porto Alegre, RS: UFRGS; Sulina.
- Corazza, S. M. (2010). *Fantasia de escritura: filosofia, educação, literatura*. Porto Alegre, RS: Sulina.
- Corazza, S. M. (2013). *O que se transcria em educação?* Porto Alegre, RS: UFRGS.
- Deleuze, G. (1988). *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro, RJ: Graal.
- Deleuze, G. (2006). *A ilha deserta: e outros textos*. São Paulo, SP: Iluminuras.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1992). *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro, RJ: Editora 34.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1997). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 4, 1a ed.). São Paulo, SP: Editora 34.
- James, W. (2000). Do campo transcendental ao nomadismo operário. In: E. Alliez (Org.), *Gilles Deleuze: uma vida filosófica* (p. 267-278). São Paulo, SP: Editora 34.
- Kastrup, V., Passos, E., & Escóssia, L. (2014). *Pistas do método da cartografia*. Porto Alegre, RS: Sulina.
- Nodari, K, E. R., & Fogazzi, S. V. (2014). Procedimentos Biografemáticos em Educação Básica. In *Anais do SemiEdu 2014. Educação e seus modos de ler-escrever em meio à vida*. Cuiabá, MT. Cuiabá, MT: Universidade Federal do Mato Grosso. Recuperado de <http://sistemas.ufmt.br/ufmt.evento/Site.aspx?conteudoUID=196&eventoUID=59>
- Nodari, K, E. R., Fogazzi, S. V., & Conceição, C. G. (2013). Relato de oficina. Escrivida – do tempo morto ao vivo. In C. Rodrigues (Org.), *Cadernos de notas 5. Oficinas de esrileituras: arte, educação e filosofia* (p. 141-152). Pelotas, RS: UFPel.
- Oliveira, M. R. (2014). *Método de dramatização da aula: o que é a pedagogia, a didática e o currículo?* (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Scherer, R. (2000). *Homo Tantum*. O impessoal uma política. In E. Alliez (Org.), *Gilles Deleuze: uma vida filosófica* (p. 21-38). São Paulo, SP: Editora 34.

Valéry, P. (1998). *Introdução ao método de Leonardo da Vinci*. São Paulo, SP: Editora 34.

### INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

**Karen Elisabete Rosa Nodari:** Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS (1984), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS (1987) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS (2007). É professora Titular da educação básica da área da Orientação Educacional - Colégio de Aplicação da UFRGS. Realiza pesquisas na linha das Filosofias da Diferença e Educação com ênfase na busca por procedimentos inventivos na didática e no currículo, aqueles que rompem com rótulos e clichês. Tem experiência na área de Educação, com ênfase na formação de professores. Palavras-chave: procedimento, invenção, didática, signo

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5027-4857>

E-mail: kernodari@gmail.com

**Sandra Mara Corazza:** Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Departamento de Ensino e Currículo, Programa de Pós-Graduação em Educação. Pesquisadora de Produtividade 1 C do CNPq (2002-). Líder dos Grupos de Pesquisa, Diretório do CNPq/Lattes: 1) DIF - Artistagens, Fabulações, Variações (2002 -); 2) Escrileituras da diferença em filosofia-educação (2015 -). Experimentadora de Filosofia-Educação; Escrileituras da Diferença; Currículo e Didática da Tradução. Desde o arquivo da educação, a filosofia da diferença, teorias de tradução literária, o surracionalismo da ruptura e a poética da imaginação, penso a didática e o currículo, em processos de experimentação de escrileituras (escritas-leituras). De modo empírico-transcendental, pesquiso a especificidade e o impulso vital do ato de educar, dispondo-o como a tradução de matérias originais (teorias, transemióticos, transculturais e transpensamentais, demonstro que os professores-pesquisadores exercem um trabalho intelectual afirmativo e uma função inventiva autoral sobre essas matérias; as quais, ao serem traduzidas, didática e curricularmente, interpretam, criticam, reconstroem e, assim, transcriam práticas, métodos), criadas pela arte, pela ciência e pela filosofia. Em territórios transdisciplinares, translinguísticos, a realidade e a liberdade, o pensamento e a subjetividade, o mundo e nossas vidas. Palavras-chave: Diferença. Currículo. Didática. Tradução. Escrileituras.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1237-198X>

E-mail: sandracorazza@terra.com.br

#### NOTA:

Karen Elisabete Rosa Nodari e Sandra Mara Corazza foram responsáveis pela concepção, análise e interpretação dos dados; redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e ainda aprovação da versão final a ser publicada.